



EDUCAÇÃO EM FOCO:
**DIÁLOGOS &
PERSPECTIVAS**

DAYSE MARINHO MARTINS
ENNIO SILVA DE SOUZA
ORGANIZADORES



Dayse Marinho Martins
Ennio Silva de Souza
(Organizadores)

EDUCAÇÃO EM FOCO: DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS

1.^a edição

MATO GROSSO DO SUL
EDITORA INOVAR
2022

CAPÍTULO 7

LIMITES E POSSIBILIDADES DO ENSINO DE HISTÓRIA VIA ENSINO REMOTO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM MACEIÓ-AL (2018-2021)

Edlane Andressa Gomes da Silva

Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte – ICHCA.

Maceió – Alagoas.

E-mail: andressa16-gomes@hotmail.com

RESUMO

Na segunda metade do século XXI o mundo fora assolado por uma pandemia, Sars-Cov-2, resultando em inúmeras sanções econômicas e sociais para manutenção da situação e conter os estragos provocados pelo momento. Para compreender onde esses estragos se propagam, vislumbram-se as possibilidades do ensino, sobre a modalidade remota, de ‘ensinar história’ advindo desse panorama. Para compor uma análise dessas problemáticas que circundam o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, foram compostos dentro do Programa de Residência Pedagógica – que versam sobre as preocupações da aula histórica – questionários que evidencie os problemas de que o ambiente de aula esteja existindo em virtude do intermédio da tecnologia. As dificuldades em tratar de uma aula sem a ‘presencialidade’ objetiva e, portanto, da relação entres os agentes ativos são reforçadas pela baixa adesão dos alunos ao programa proposto pelo plano de aula apresentado pelo professor e pelos alunos residentes. Nesses termos, o presente trabalho se propõe o vislumbre dos problemas aparentes, das hipóteses metodológicas para lidar com as prerrogativas dos ambientes e dos atores ativos no mesmo ambiente nos processos de aprender e de ensinar – mesmo com todo o esforço para que o momento fosse possível.

Palavras Chaves: Ensino-Aprendizagem. Ensino de História. Pandemia.

ABSTRACT

In the second half of the 21st century, the world was devastated by a pandemic, Sars-Cov-2, resulting in numerous economic and social sanctions to maintain the situation and contain the damage caused by the moment. In order to understand where these damages spread, the possibilities of teaching, on the remote modality, of 'teaching history' arising from this scenario are glimpsed. To compose an analysis of these problems that surround the teaching-learning process in the classroom, questionnaires were composed within the Pedagogical Residency Program - which deal with the concerns of the historical class - that evidence the problems that the classroom environment is existing. through the medium of technology. The difficulties in dealing with a class without objective 'face-to-face' and, therefore, the relationship between the active agents are reinforced by the low adherence of students to the program proposed by the lesson plan presented by the teacher and the resident students. In these terms, the present work proposes a glimpse of the apparent problems, of the methodological hypotheses to deal with the prerogatives of the environments and of the actors active in the same environment in the process of learning and teaching - even with all the effort to make the moment possible.

Keywords: Teaching-Learning. History Teaching. Pandemic.

1. INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, a organização mundial da saúde (OMS) foi informada sobre vários casos de pneumonia na china, em 07 de janeiro de 2020 as autoridades chinesas confirmaram que se tratava de um novo tipo de corona vírus, em março de 2020 a covid-19 foi classificada como pandemia pela OMS¹ devido a alta taxa de contágio e proliferação em diversos continentes, para conter a disseminação do vírus foi necessários que os governos tomassem medidas efetivas que incluem além da higienização o distanciamento social, para isso foi necessário fechar lugares e instituições que promovesse a aglomerações de pessoas como espaços de turismos, instituições de ensino superior, escolas, etc.

1 Histórico da pandemia de COVID-19. Visto em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 25 de Agosto de 2021.

A partir da portaria Nº 343, de 17 de março de 2020², o ministério da educação (MEC) instituiu o retorno das aulas por meios digitais enquanto durar a pandemia da covid-19, porém, esse retorno enfrentou uma série de desafios, como adaptação dos professores para utilização dos recursos tecnológicos para preparação das aulas, dificuldades de acesso à tecnologia, internet e espaço físico para os estudantes acompanharem as aulas, também é necessário levar em consideração a dificuldade de se manter produtivo em um contexto de pandemia, onde a população tem que se manter em isolamento e conviver com o medo e incertezas que a doença traz.

Além de todo o processo de modernização, assim como a globalização que circunda as necessidades sociais há uma descrença desta mesma sociedade com os alicerces os princípios éticos para as demais formas de gestão – sejam essas públicas, privadas, educacionais e/ou culturais – estendendo-se para a sociedade em geral. Modernizar não é somente colocar-se de frente a tecnologia e munir-se da mesma, mas também se aprofundar na “raiz” de toda a discussão para o entendimento dessas questões, fundamentais e paralelas, ao processo de democratização da escola pública, ao processo de ensino e aprendizagem ou ainda as construções das identidades culturais (PAULINO & PORTO, 2021, p. 219).

O presente projeto de pesquisa foi desenvolvido a partir dos meus questionamentos que foram surgindo à medida que fui tendo contato com as turmas dos terceiros anos C e D na Escola Estadual Professora Margarez Maria Santos Lacet³ (Maceió-AL) e durante a aplicação do projeto nas turmas, no período vespertino durante o módulo I. Durante a aplicação foi notado uma pequena quantidade de alu-

2 Ministério da educação. Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020. Visto em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 25 de Agosto de 2021.

3 Com relação às caracterizações de seus dados gerais a escola possui 125 funcionários na escola e alunos nos anos finais (6º ao 9º ano) 632, ensino médio 467, educação de jovens e adultos 489 e educação especial 35. Sobre a infraestrutura da escola ela conta em suas dependências: Sanitários, Biblioteca, Cozinha, Laboratório de Informática, Laboratório de Ciências, Sala de Leitura, Quadra de Esportes, Ginásio Poliesportivo, Sala para a Diretoria, Sala para os professores e Sala de atendimento Especial. Adquiriu-se essas informações por meio de uma socialização online para dar início a ambientação, não se sabe como estão as condições reais destas estruturas, pois não houve uma visita em loco por motivos das diretrizes de segurança da OMS – Organização Mundial de Saúde.

nos nas aulas e pouca entrega de atividades assíncronas solicitadas pelos residentes, isso gerou questionamentos buscando compreender quais motivos tem levado a uma baixa participação desses estudantes, tentar entender como esses estudantes estão recebendo esse ensino proposto pelos residentes e qual o contexto que esses estudantes estão inseridos nesse período de pandemia durante o ensino remoto, levando em consideração que o ensino remoto impõe uma série de desafios seja uma boa produtividade em período que tem sido difícil manter uma qualidade de saúde mental quanto pelo acesso a tecnologia necessária para ter condições de acesso às aulas.

É neste contexto desafiador que o que a segunda edição do programa Residência Pedagógica é aplicado. O programa Residência Pedagógica surge por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) portaria n.º 38, de 28 de fevereiro de 2018⁴, com objetivo de através de projetos inovadores auxiliem as instituições de ensino superior a articular a teoria com a prática de ensino nos cursos de licenciatura com a parceria das redes públicas de ensino. A primeira edição do programa se deu de forma presencial entre 2018 a 2019, a sua segunda edição entre 2020 e 2021 está sendo aplicada de modo remoto em decorrência da pandemia, a formação teórica, elaboração do projeto e a aplicação do mesmo nas Escolas se deu via Google Meet.

O período de quarentena e isolamento social impostos em 2020 para barrar o avanço da pandemia do COVID-19 tem promovido em diversas áreas pesquisas para entender como esse processo afeta nas diversas áreas da vida, com o ensino não é diferente, tem surgido pesquisas para compreender diversos aspectos sobre o ensino durante o ensino remoto (dificuldades dos professores e alunos, sobre desigualdades sociais que afeta na inclusão dos estudantes no processo de ensino, etc).

O texto **'Limites E Possibilidades Do Ensino De História Via Ensino Remoto: Uma Análise A Partir Do Programa Residência Pedagógica Em Maceió-Al (2018-2021)'**, com suporte de autores que dão a base teórico-metodológica para o projeto, também visa contribuir para

4 CAPES. Portaria GAB Nº 38, de 28 DE Fevereiro de 2018. Visto em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/28022018-portaria-n-38-institui-rp-pdf>. Acesso em 25 de Agosto de 2021.

reflexões sobre aprendizagem em período de ensino remoto, a partir delas avaliar quais as possibilidades possíveis de metodologias que podem ser aplicadas dada as limitações de recursos e interações num ambiente remoto, desta forma contribuindo para que futuros pesquisadores que necessitem elaborar um projeto nas mesmas condições avalie a partir das experiências abordadas o que foi possível e também o que não foi possível.

A partir de uma abordagem qualitativa utilizará como fontes portfólios dos estudantes (questionários, atividades assíncronas), relatórios dos residentes produzidos pelo Programa Residência Pedagógica entre novembro de 2020 a abril de 2021. Também foram utilizadas ‘fontes escritas’, como o documento da portaria que institui o programa Residência Pedagógica, buscando contextualizar a criação do programa.

A metodologia terá como base os conceitos elaborados por Jorn Russen (2011), tendo em vista que o projeto foi elaborado a partir da base teórico-metodológica da Educação Histórica que tem como eixo norteador a matriz epistemológica dele que ajudarão a compreender alguns questionamentos sobre ensino-aprendizagem. Além da interpretação das relações entre a história, a educação e o ensino de história e as produções acadêmicas (Albuquerque Júnior, 2007/2019).

Para a análise das fontes escritas, o livro *Fontes Históricas* (Bacellar, 2020), no capítulo onde aborda o uso de fontes documentais, intitulado “uso e mau uso dos arquivos” vai ajudar a orientar na análise e crítica desses documentos, buscando não vê-los como neutros, sendo necessário fazer questionamentos pertinentes ao mesmo para desenvolver uma melhor contextualização deles. O segundo capítulo do livro ‘*Fontes Históricas e Seu Lugar de Produção*’ (Barros, 2020), onde vislumbra os lugares de produção dos materiais que servirão enquanto fontes; e munindo-se dos aparatos metodológicos sobre a escrita em história e interpretação, Michel de Certeau com ‘*A Escrita da História*’ (2020), Carlo Ginzburg com ‘*Os fios e os Rastros*’ (2007), Foucault com ‘*Arqueologia do Saber*’ (2005), percebendo-se assim que, dentro das estruturas que compõe as fontes há uma preocupação com seu processo de produção, ainda que, neste sentido, haja preocupação com os processos de análise destas mesmas fontes.

Por fim, as interpretações cabem na mesma proporção que as modernizações sobre a perspectiva educacional se elucidam – no tocante da modernização dos meios de ensino e aprendizagem dos alunos – na construção e análises dos conceitos elencados à aula de história. Portanto, é fundamental que o ensino remoto se faça utilizar como uma ferramenta possível e agregue possibilidades nos momentos da aula, dentro ou fora da escola.

2. AS DIFICULDADES DO ENSINO REMOTO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM FRENTE À PANDEMIA SARS-COV-2

Tendo em vista que o projeto proposta pelo programa Residência Pedagógica tem como base teórico-metodológica o campo da Educação Histórica é importante que se traga autores que expliquem sobre esse campo de investigação e os conceitos que dão base para o mesmo. O livro “O que é Educação Histórica” de 2018, organizado pelas autoras Maria Auxiliadora Schmidt e Ana Claudia Urban, traz um panorama a cerca do domínio da Educação histórica, trazendo seu arcabouço teórico, conceitos utilizados, etc. Os capítulos usados serão o capítulo 1 “Educação Histórica: Uma tradição construída” que traz a contextualização do desenvolvimento da Educação Histórica até a consolidação o campo, e o capítulo 2 “Fundamentos teóricos da Educação Histórica” que traz o arcabouço teórico do campo de pesquisa. Tais assuntos tornam-se vitais para que se compreenda o que é história e quais são seus sujeitos. Para tanto, como diz o historiador Hobsbawm (2003), saber sobre as nuances do passado traz a consciência possível para entender tal identidade que, por vezes, cercam o processo de ensino-aprendizagem da aula histórica, nas palavras do autor:

Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrado na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. Provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história. Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para

rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. (HOBBSAWM, Eric. 2003, p. 22).

O artigo de Isabel Barca “Educação Histórica: uma nova área de investigação” de 2001 também é importante para complementar a compreensão sobre Educação Histórica, a autora aborda sobre as discussões a cerca sobre cognição histórica que ocorreu nos anos 70 século XX, onde os pesquisadores de países como Inglaterra, Estados Unidos e Canadá formados em História, filosofia da História, e Psicologia Cognitiva buscaram analisar quais as ideias que os sujeitos tinham a cerca da História através de tarefas concretas.

As investigações se afastavam das teorias elaboradas por Piaget e Bloom sobre estágios de desenvolvimento, teorias que acabaram definindo a História como muito complexa para ser estudada por alunos com idades inferiores a 16 anos e como consequência acabou levando argumentos na década de 70 e 80 contra a inclusão de História nos currículos.

A partir disso apresenta as pesquisas de Lee & Dickinson em 1978 a cerca da cognição histórica com estudantes entre 12 a 18 anos, a partir de um modelo de progressão das ideias relacionado à natureza da explicação histórica, como conclusão chegou a perceber que a progressão do conhecimento histórico não depende necessariamente da idade (BARCA, 2001). Desta forma os autores trazem um novo olhar a cerca da aprendizagem histórica. Levando isso em contra a autora coloca alguns princípios da aprendizagem histórica que devem ser levados em conta como o contexto social e cultural no qual o aluno esta inserido, pois a cognição não depende necessariamente da idade e sim de uma serie de fatores e conhecimentos que os alunos obtêm na sua vivência.

Deve-se salientar que as relações que se incorporam dentro da sala de aula levam em consideração as diretrizes básicas da educação – LDB –, entretanto, a partir das concessões advindas da normativa, e dos critérios que se infere na BNCC, o professor dispõe de inúmeros mecanismos para compor o momento de ensino e aprendizagem dentro da aula. A partir dessas concepções é que o PRP – Programa de

Residência Pedagógica – se insere, onde a relação de aprendizagem é mútua entre os sujeitos ativos em sala de aula. No instante que o aluno se depara com o residente, há uma troca simples de experiências que não se encontram muito distante, quer seja pela idade dos atores que constroem o momento em sala ou mesmo por ainda serem alunos que estão em formação para serem professores.

Como mencionado anteriormente o presente trabalho de pesquisa tem como analisar as possibilidades e limites do ensino de História durante o período remoto em tempos da pandemia COVID-19 a partir da experiência do Programa Residência Pedagógica em 2021, para isso um dos recursos utilizados seria a análise dos portfólios dos estudantes durante o módulo I, ao longo das aulas em que foi trabalhado o conceito substantivo escolhido (Imperialismo) foram solicitadas no final de cada aula atividades assíncronas, a partir disso foi sendo percebida pouca entrega das atividades, como pode ser visto no quadro⁵ a seguir:

Quadro 1 – Sobre a quantidade de atividades retornadas ao passar de cada Aula.

Entrega de Atividades			
Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4
3	0	2	7

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

A baixa participação dos alunos das turmas C e D do vespertino, tanto nas entregas das atividades assíncronas quanto também na presença a participação das aulas síncronas, como pode ser observado pelos residentes no período de observação das turmas “*Com relação às turmas do período vespertino é importante ressaltar que a presença de estudantes na sala de aula virtual é menor se comparada aos estudantes do período matutino, tendo os encontros normalmente cerca de 8 a 6 alunos*”⁶ instiga os seguintes questionamentos: O que gerou essa baixa frequência, participação e entrega das atividades? Quais motivos explicam a diferença de participação das turmas do

⁵ Informações retiradas das atividades assíncronas enviada pelos estudantes. Acervo pessoal.

⁶ Relatório de Análise Diagnóstica Escola Estadual Professora Maria Margarez Santos Lacet. Acervo pessoal

período matutino vs período vespertino? O quanto o ensino remoto e o contexto da pandemia contribuiu pra isso? Quais outros fatores poderiam explicar essas questões?

O que se pode montar como primeira hipótese para responder as perguntas supracitadas parte da concepção de que os corpos envolvidos são estáticos e, portanto, não mudariam facilmente sua dinâmica em relação aos demais, noutros termos, para conseguir ponderar uma argumentação que venha a responder ou apontar para uma resposta direta, compreende-se pensar que alunos e professores são conceitos estáticos dentro da atmosfera do ensino remoto. Para tanto, a primeira possibilidade é compreender os perfis dos alunos que estão em diferentes horários, sua diferença de faixa-etária e a possibilidade de acesso ao ambiente remoto.

Em partes, o perfil da turma ajuda a compreender algumas destas inquietações, segundo o relatório feito pelos residentes “Além disso, esses alunos possuem outra relação com as aulas, uma vez que possuem uma faixa etária maior e em grande número precisam trabalhar (...)”⁷. Com relação ao questionamento referente a pandemia, os autores que se debruçaram sobre o ensino remoto em tempos de pandemia e seus impactos nas escolas públicas, costumam mostrar o quanto muitas escolas não estavam preparadas para o ensino remoto:

Se tais desigualdades já eram conhecidas no Brasil, durante a pandemia, com a transferência do ensino presencial para o ensino remoto emergencial, a diferença de acesso ampliou tais diferenças. Dados da Rede de Pesquisa Solidária 4 de agosto de 2020 mostram que, entre março e julho de 2020, mais de 8 milhões de crianças de 6 a 14 anos não fizeram quaisquer atividades escolares em casa (...)a falta de conectividade foi uma das principais causas dessa perda de conexão com a escola, penalizando ainda mais os estudantes de menor renda (MACEDO, 2021, p.267).

Para sondar as questões mencionadas referentes à realidade da turma trabalhada, foi elaborado um relatório pelo ‘Google Forms’⁸

7 Relatório de Análise Diagnóstica Escola Estadual Professora Maria Margarez Santos Lacet. Acervo pessoal.

8 Ferramenta contida no sistema da Google possibilita criar formulários/questionários que venham corroborar como possibilidade para pesquisas e estudos criando dados estatísticos advindo das respostas.

com esses estudantes para ajudar na compreensão, buscando investigar qual o contexto social e econômico que os estudantes estão envolvidos durante esse contexto de pandemia e ensino remoto. Poder tocar nessas informações ajudara a traçar o perfil necessário dos alunos em virtude do horário da aula – entre vespertino e matutino, como fora supracitado –, e perceber quais as dificuldades em participar dos momentos de aula.

Por fim, constata-se que as prerrogativas para o ensino remoto de história por implicação da pandemia do Covid-19 são, no mínimo, complicadas pela situação econômica dos alunos e da rede de auxílio à educação. Mesmo que esteja-se em uma modernidade líquida (Bauman, 2001), e os meios de informação sejam múltiplos, o ensino ainda encontra-se marginalizado pelas políticas públicas, logo, os alunos são o reflexo do que a cultura social incute no imaginário da população e, deste modo, a educação – que naturalmente é algo que demanda esforço e muita dedicação para ser feita de forma competente – encontra-se as margens das prioridades da população, da mídia, das políticas públicas e, não estranhamente, da maioria dos alunos.

CONCLUSÃO

A sociedade ocidental capitalista na qual a problemática deste trabalho está inserida têm suas prioridades voltadas à construção de ‘corpos educados’ (Foucault, 2011), onde reproduz os meios e os mecanismos de reprodução para esta cultura. Sobre essas ponderações é concomitante que a educação seja um desses pilares, quer seja em termos quantitativos ou qualitativos.

O momento em que foi proposto para produção do presente trabalho **‘Limites E Possibilidades Do Ensino De História Via Ensino Remoto: Uma Análise A Partir Do Programa Residência Pedagógica Em Maceió-Al (2018-2021)’**, circunda um pequeno período antes da pandemia Sars-Cov-2 até o fim do ano de 2021 – que ainda permanecia afetado por tudo que a pandemia causou. Neste cenário, as relações diretas entre a escola e os alunos, os alunos com seus semelhantes, e os professores com os mesmos alunos, foram completamente afetadas e, deste modo, todas as atividades situaram-se de forma remota.

A intermediação dos componentes eletrônicos tornou o ‘ensinar’ uma tarefa árdua e com possibilidades ainda mais difíceis. É sabido que a relação em sala de aula é fundamental para uma boa relação de ensino-aprendizagem, entretanto a pandemia ceifou tais possibilidades e, para o professor – precisamente os de história no caso particular – o desafio era de continuar ensinando e se fazer ensinar composto por tal mediação. Além destes pontos, deve-se salientar que o momento de profunda globalização e fragilidade das relações humanas levava a sociedade ocidental – especificamente a brasileira para este caso e neste texto – para as relações de liquefação trazidas por Bauman (1999/2001/2004/2007), em seus textos.

A distinção entre liberdade “subjetiva” e “objetiva” abriu uma genuína caixa de Pandora de questões embaraçosas como “fenômeno rei-sus essência” - de significação filosófica variada, mas no todo considerável, e de importância política potencialmente enorme. Urna dessas questões é a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas possam estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser “objetivamente” satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar, e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres. O corolário dessa possibilidade é a suposição de que as pessoas podem ser juizes incompetentes de sua própria situação, e devem ser forçadas ou seduzidas, mas em todo caso guiadas, para experimentar a necessidade de ser “objetivamente” livres e para reunir a coragem e a determinação para lutar por isso. Ameaça mais sombria atormentava o coração dos filósofos: que as pessoas pudessem simplesmente não querer ser livres e rejeitassem a perspectiva da libertação pelas dificuldades que o exercício da liberdade pode acarretar. As bênçãos mistas da liberdade Numa versão apócrifa da Odisseia (“Odysseus und die Schweine: das Unbehagen an der Kultur”), Lion Feuchtwanger propôs que os marinheiros enfeitados por Circe e transformados em porcos gostaram de sua nova condição e resistiram desesperadamente aos esforços de Ulisses para quebrar o encanto e trazê-los de volta à forma humana. Quando informados por Ulisses de que ele tinha encontrado as ervas mágicas capazes de desfazer a maldição e de que logo seriam humanos novamente, fugiram numa velocidade que seu zeloso salvador não pôde acompanhar.

Ulisses conseguiu afinal prender um dos suínos; esfregada com a erva maravilhosa, a pele eriçada deu lugar a Elpenoros - um marinheiro, como insiste Feuchtwanger, em todos os sentidos mediano e comum, exatamente "como todos os outros, sem se destacar por sua força ou por sua esperteza" O "libertado" Elpenoros não ficou nada grato por sua liberdade, e furiosamente atacou seu «libertador»: Então voltaste, 6 tratante, 6 intrometido? Queres novamente nos aborrecer e importunar, queres novamente expor nossos corpos ao perigo e forçar nossos corações sempre a novas decisões? Eu estava tão feliz, eu podia chafurdar na lama e aquecer-me ao sol, eu podia comer e beber, grunhir e guinchar, e estava livre de meditações e dúvidas: "O que devo fazer, isto ou aquilo?" Por que vieste? Para jogar-me outra vez na vida odiosa que eu levava antes? (Bauman, 2000. pg. 23-25).

Deste modo, sob à luz do que são essas relações de sociedade no espaço contemporâneo, os desafios de ensino de história por meio remoto mediado por tecnologias para ambiente virtual é problemática. O ensino é uma relação direta e sensível em sala e, portanto, as devolutivas dos alunos mediante qualquer dificuldade retrata a falta dessa relação.

Compreender o 'como', 'pra quê', o 'por quê'; são perguntas a serem respondidas quando a possibilidade de vislumbrar os efeitos do ensino antes e depois da covid-19, em um ambiente onde o ato de ensinar seja, para medida da hipótese traçada, orgânico e possível. Salientando que a possibilidade seja, primeiramente, pelas ferramentas que possibilitem estar num ambiente virtual e depois dessas, as que se sobrepõe sobre política, cultura e sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história**. Bauru: Edusc, 2007.

_____. **O tecelão dos Tempos (novos ensaios de teoria da história)**. São Paulo. Intermédios. 2019.

ALVES, L. (2020). **Educação Remota: entre a ilusão e a realidade**. *educação*, 8(3), 348–365. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v-8n3p348-365>

BACELLAR, Carlos. **Uso e mau uso do arquivo**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BARCA, I. **Educação Histórica: uma nova área de investigação**. Revista da Faculdade de Letras. História. Porto, III Série, vol. 2, 2001.

BARROS, Jose D'Assunção. **A Fonte Histórica e seu Lugar de Produção**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Zygmunt Bauman; tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Tempos líquidos**. Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. **Vida para Consumo: A transformação das pessoas em mercadorias**. Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

FOULCAUT, Michel. **Arqueologia do Saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Vigiar e Punir**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 2013.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. Rio de Janeiro. Companhia de Bolso. 2003.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. **The Difference between emergency remote teaching and online learning**. Educause Review, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn7>. Acesso em: 24 de setembro de 2021.

LEE, Peter. **Conceitos substantivos. Putting principles into practice: understanding history**. In: BRANSFORD, J. D.; DONOVAN, M. S. (Eds.). How students learn: history, math and science in the classroom. Washington, DC: National Academy Press, 2005.

LEE, Peter. **“Progressão da compreensão dos alunos em História”** in: BARCA, Isabel (org.) Perspectivas em Educação Histórica. Centro de estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2001.

MACEDO, Renata Mourão. **Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública**. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, [S.L.], v. 34, n. 73, p. 262-280, ago. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s2178-149420210203>.

PAULINO, Rafael Vieira de Britto; PORTO, Gabriel Augusto Lyra. **Monitoria como instrumento facilitador no processo de ensino-aprendizagem: entendendo as ligações entre os alunos e seu desenvolvimento**. In: Pesquisas Em Educação: Possibilidades E Desafios. Campo Grande: Editora Inovar, 2021. 359p.

RÜSEN, Jörn. **O Desenvolvimento da Competência Narrativa na Aprendizagem Histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral**. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: UFPR, 2011.

SCHMIDT, M. A.; URBAN, A. C. (orgs.) Apresentação. In: **O que é Educação Histórica**. Vol 1. Coleção Ed. Histórica. Curitiba: W. A. Editores, 2018